

**ANTÓNIO ESTEVES ENTREVISTA CARLOS SANTOS**

“Dizer que é preciso cortar 4,7 mil milhões é de uma falta de jeito histórica”

**FERREIRA**

Especial
**ENTREVISTA
DE VERÃO**
Agosto



Carlos Santos Ferreira fala, pela primeira vez, da sua saída do Millennium bcp e diz que Jardim Gonçalves “foi um momento da história” do banco. Justifica escolhas polémicas da sua equipa de então, como Armando Vara, rejeita acusações de instrumentalização política do BCP por parte de José Sócrates e ainda elogia o trabalho do seu sucessor, Nuno Amado. Reflecte sobre o país e pede ao Governo para reavaliar os cortes de despesa de 4,7 mil milhões.

TEXTO: ANTÓNIO ESTEVES | FOTOS: PAULO FIGUEIREDO



E

ANTÓNIO ESTEVES ENTREVISTA CARLOS SANTOS FERREIRA

País Carlos Santos Ferreira acredita que os recentes sinais de retoma são animadores, mas há que ter cautela. Desiludido com a reforma do Estado – pela qual “continuo a aguardar” –, confessa que a estabilidade da coligação não o inquieta. Admite, contudo, estar preocupado com o impacto do próximo Orçamento no país. “Não vamos ter de esperar muito tempo para descobrir”, diz.

A economia europeia dá sinais de vida, a economia portuguesa saiu da recessão...

Deus queira! Penso que, até ao fim deste ano, há uma enorme probabilidade de termos notícias neutras ou positivas e isso é bom. Tudo o que sejam notícias que respeitem à diminuição do desemprego são boas, ao aumento das exportações são boas, ao crescimento do PIB são boas. Aquilo que a seguir acontecerá, em 2014, vai depender muito dos cortes orçamentais que forem feitos. Se quisermos respeitar as metas orçamentais de que se fala, podemos ter problemas durante 2014 e, aí, estas boas notícias vão desvanecer-se rapidamente.

O plano de cortes que está previsto não deve manter-se? Deve ser revisto e diminuído?

Como cidadão, gostava muito que fosse revisto e diminuído.

De que forma?

Negociando, com a ‘troika’.

Negociando prazos mais longos para a redução do défice e da dívida pública?

Prazos mais longos, claramente, para os objectivos orçamentais. Estamos a falar, no mínimo, de duas dívidas: a da ‘troika’, que são 78 mil milhões, e a outra dívida pública, que são 120 mil milhões. Relativamente à primeira, fica-nos muito lindamente dizer que pagamos! Conviria discutir em que prazo, que taxa de juro e período de carência, mais nada. Relativamente à dívida que não é originada na ‘troika’, não precisamos de uma redução, do corte do capital à grega, mas provavelmente temos de ponderar o que significa querer ter, preservando o capital, prazos mais longos e taxas de juro mais baixas. E se estamos a entrar numa época de crescimento, então vamos tentar fazê-lo com equidade, e, infelizmente, o crescimento económico em países com a nossa situação tende a acentuar diferenças entre os muito ricos e os muito pobres.

Mas, para haver crescimento e equidade, não devia ter sido feita primeiro uma reforma do Estado e só depois aplicar esta dose de austeridade?

É um assunto delicado, poucas vezes vi pegar com tanta falta de jeito num assunto tão importante. Dizer ‘precisamos de cortar 4,7 mil milhões, logo vamos fazer a reforma do Estado’ é de uma falta de jeito histórica. O que é que se fez até agora? Cortaram-se salários e pensões, aumentaram-se impostos e flexibilizou-se alguma coisa na área laboral. Isto não é reforma do Estado nenhuma.

Este Governo ainda é capaz de fazer este novo ciclo?

Não sei, mas não vamos ter de

esperar muito tempo para descobrir. Vamos ter uma opinião sobre isso no Orçamento.

Acha que o Orçamento do Estado vai ser o primeiro grande teste à estabilidade desta coligação?

Confesso que não estou muito preocupado com a estabilidade na coligação. Estou muito mais preocupado com o impacto que o Orçamento terá no País. Se não for possível negociar com as instituições que nos apoiam financeiramente, neste momento, uma alteração das metas de défice, arriscamo-nos a que a este período de meses que vai ser, repito, na minha opinião, sereno, de notícias positivas, tenha a partir de Janeiro ou Fevereiro outra queda.

Como avalia a performance do Governo?

Gostava que tivesse sido feita a dita reforma do Estado. Aguardo por ela.

“

O que é que se fez até agora? Cortaram-se salários e pensões, aumentaram-se impostos e flexibilizou-se alguma coisa na área laboral. Isto não é reforma do Estado nenhuma.

[É Paulo Portas quem manda, de facto?] Não sei, receio que isso seja um mito urbano.

[António José Seguro] é, no mínimo, o líder possível. Mas arrisca-se bastante a ser primeiro-ministro.

Este Executivo não vai terminar a legislatura?

Com todo o respeito, mas continuo a achar que não é um tema relevante.

Não é relevante saber se temos Governo para o próximo ano ou dois?

Acho mais relevante saber que medidas serão adoptadas a nível orçamental e que impacto terão no País.

Estas mexidas recentes deram mais consistência à coligação?

Se me pergunta se acho que este Governo tem pessoas que, digamos, à primeira vista me parecem mais qualificadas, respondo-lhe que sim.

Mas falamos de Maria Luís Albuquerque, de Pires de Lima, de Rui Machete?

António Pires de Lima, por exemplo, que é muito fácil.

Ele é político mas também um gestor, com conhecimento das empresas e do país...

Para mim é um ‘cocktail’ excelente.

É a mais-valia deste Governo, mais do que Paulo Portas ser o número dois?

Pessoalmente, tenho muita consideração pelo dr. Paulo Portas, tenho mesmo. É um homem francamente inteligente e, se quiser usar a sua inteligência de uma forma bem direccionada, é uma grande mais-valia.

É ele quem manda, de facto?

Não sei. Receio que isso seja um mito urbano.

Mas o CDS tem as pastas mais importantes: economia, reforma do Estado, relações com a ‘troika’.

Não sei. Acho que isso vende bem, mas não sei se isso é verdade e não sei se é relevante.

E Maria Luís Albuquerque é melhor ministra das Finanças do que foi Vítor Gaspar, ou vai ser?

Não consigo distinguir.

É amigo de António Guterres, José Sócrates escolheu-o para presidente da CGD... Qual é a sua relação com António José Seguro?

É o secretário-geral do Partido Socialista.

Isso é uma relação distante. Tem uma relação pessoal com António José Seguro?

Não tenho uma relação pessoal com António José Seguro.

É um bom líder do maior partido da Oposição?

É, no mínimo, o líder possível.

Então, presumo que não esteja a vê-lo primeiro-ministro?

Não, não. Arrisca-se bastante a ser.

Mas que não consegue controlar a chamada ala mais hostil do partido? E hostil estou a referir-me obviamente em relação à liderança dele.

Volto a dizer que, se for, é porque o conseguiu. ■



Santos Ferreira elogia o ministro Pires de Lima pelo conhecimento real que tem das empresas e da economia.



Especial
**ENTREVISTA
DE VERÃO**
Agosto

“Não vejo razão para trocar a Caixa por um prato de lentilhas”

Defensor do banco público, espera que o Banco de Fomento não seja um pretexto para a sua venda.

Faz sentido esta intenção do Governo de criar um Banco de Fomento, com o objectivo de apoiar a economia?

Estou fora do assunto. Sou daqueles que pensa que seria menos espectacular, mas mais proveitoso, atribuir essas funções à Caixa Geral de Depósitos [CGD]. A única coisa que me parece relevante é que a criação do Banco de Fomento não seja pretexto para privatizar a Caixa. **A Caixa não deve ser privatizada?**

Na minha opinião, não.

Porquê? O que é que a Caixa faz de diferente e melhor do que os outros?

Mesmo que faça igual, por que razão privatizá-la?

Revê-se na afirmação de que a Caixa se assemelha ao pior e não se diferencia no melhor em relação à banca privada?

Acho que a Caixa, mesmo funcionando como um banco similar ao BES, ao BPI, ao Millennium, é um bom banco.

Mas por que têm de ser os portugueses os donos do banco?

Que ganham em não ser?

Não têm de injectar capital...

E não receber os correspondentes dividendos. A privatização em si funciona: tenho uma coisa que dá prejuízo, se a privatizar recebo algum dinheiro, ela é

por definição melhor gerida, sendo melhor gerida gera resultados, sobre esses resultados, vou cobrar impostos, etc, etc.... Muitas vezes não é assim, como sabemos. Uma coisa com que, na Caixa, devemos ter sempre imenso cuidado é com o risco moral. Admita que há um pro-

“

A única coisa que me parece relevante é que a criação do Banco de Fomento não seja pretexto para privatizar a Caixa. Na minha opinião, não deve ser privatizada.

blema na Caixa, o risco moral é do Estado. Se a Caixa fosse privatizada, se houvesse um risco de a Caixa ter um problema sério, onde é que está a obrigação de a resgatar, ajudar e apoiar? Sempre no Estado.

Essa análise é muito prudente, mas a Caixa hoje devia ter um posicionamento diferente face aos bancos privados?

Posicionamento privado quer dizer o quê? Fazer crédito mais fácil, ou seja, com menor análise de risco? De fazer crédito mais barato? Talvez. Se isso significar que pode ser uma influência benéfica para o conjunto do sector. A Caixa pública deve ser o regulador, pela sua própria existência, do sector financeiro. Não vejo razão nenhuma para a trocar por um prato de lentilhas.

Os bancos têm duas metas exigentes impostas pela 'troika': rácios de capital, revisão das carteiras de crédito. Parece-lhe que todos os bancos a operar em Portugal têm condições para cumprir estas metas?

Acho que a banca portuguesa está genericamente em condições de fazer isso. Até porque tem folgas nos rácios de capital. **Mas há grandes dificuldades nas carteiras de crédito, na sua opinião?**

Com o país na situação em que está, a banca reflete-o. Mas a banca tem folga para o poder fazer. ■

“Não teria problemas em assinar um contrato de ‘swap’”

Como vê toda esta discussão em torno dos ‘swap’?

Ó diabo! Olhe, com tantos peritos, acho melhor declarar-me ignorante. Só vejo peritos.

Há vários tipos de ‘swap’.

Há uma coisa... há quem diga que os ‘swaps’ são instrumentos banais. E atrevo-me a dizer que são instrumentos triviais.

De gestão financeira.

São triviais em qualquer país. Agora, se sair for aí perguntar na rua o que é que acham, acham que é uma emanção directa do inferno.

A questão é se são mais ou menos tóxicos ou especulativos.

Os que foram feitos, foram mal feitos?

Não acho que alguém consiga responder com honestidade à sua pergunta se não tiver lido os contratos. O contrato de ‘swap’ é um instrumento trivial de gestão financeira.

Uma garantia de cobertura de risco.

É uma troca. Um ‘swap’ é uma troca. E normalmente os mais fáceis, que são os ‘swap’ de taxa de juro, é a troca entre uma taxa de juro variável por uma taxa de juro fixa.

Mas o Estado deve fazer certos tipos de ‘swap’? Que sejam mais especulativos do que a mera cobertura de risco?

Que eu saiba, muita pouca gente ou ninguém viu os actuais contra-

tos. Eu não vi e duvido que as pessoas tenham visto. Mas falam como se tivessem.

Alguma vez assinou um ‘swap’?

Não, porque acho que não me competia sequer fazer isso. Mas acho que não teria problemas em fazê-lo. Agora, deixe-me dizer-lhe o seguinte: como qualquer outra coisa, um ‘swap’ pode ser perverso, mas pode ser tão perverso como um automóvel ou se quiser, de uma maneira mais corrente, uma faca de cozinha.

Depende de como é utilizado.

Uma faca de cozinha pode ser perversa, pode ter uma utilização perversa, aliás, extrema. Aquilo que nós estamos a fazer é, eu acho que ninguém viu os contratos a não ser o Governo, algumas pessoas, como deve ser aliás, falamos todos do que não sabemos. Com todo o respeito, metade das pessoas que falam não sabe o que é um ‘e’ e da outra metade 45% não viu os actuais contratos. Mas falamos todos com uma grande à-vontade sobre esta matéria.

Mas há uma questão: se foram feitos ‘swap’ para mascarar o défice, isso é grave.

Estamos a entrar no campo da perversidade. Embora, quem for mais moralista lhe dirá que essa é uma opção de sempre na gestão. Mas deixe-me dar-lhe um exem-

plo: no investimento, eu vendedor chego ao pé de si e digo-lhe ‘tenho aqui um equipamento. Quer pagar mil e ter uma manutenção de dez? Ou quer pagar 500 e ter uma manutenção de 100?’ Não há dia em que esta opção não esteja na mesa. Qual é a boa decisão? Investir mais e ter menos custos de manutenção no futuro? Ou investir menos e ter mais custos de manutenção no futuro? Qual é a boa decisão? Vai depender do país, vai depender do sector, vai depender da empresa.

É legítimo que um Governo tenha pessoas a integrá-lo que estejam envolvidas em polémicas relativas seja aos ‘swap’, seja à questão do BPN? Falo obviamente de Maria Luís Albuquerque e de Rui Machede.

Nunca tive funções governativas e isso tem algumas vantagens. Aqui entramos num campo em que, na verdade, constato que não sei. As polémicas são reais? Sendo reais, são sérias?

São substantivas? No seu entender não são? O país anda a discutir o acessório?

Acho que é mal-educado responder a uma pergunta com outra. Se não estivéssemos em Agosto discutíamos isto? Se estivéssemos na preparação do Orçamento do Estado discutíamos isto?



PERFIL

Carreira marcada pela gestão

Carlos Santos Ferreira, 64 anos, formou-se em Direito, em Lisboa, mas é a passagem pela área financeira e grandes empresas que marca a sua carreira. Um percurso profissional que começou na ANA, em 1977, depois de ter sido assistente de Sousa Franco, na faculdade. Passou ainda pelo Aeroporto de Macau, pela Estoril-Sol e pela área dos seguros e pensões. Em 2004 assumiu a presidência da CGD, lugar que deixou em 2008 para, durante quatro anos, liderar o Millennium bcp. O seu currículo inclui ainda funções na secretaria de Estado da Segurança Social e como deputado pelo PS.



E ANTÓNIO ESTEVES ENTREVISTA CARLOS SANTOS FERREIRA

“BCP entrou num novo ciclo depois da minha saída”

Banca O ex-banqueiro justifica escolhas polémicas, como Armando Vara na gestão da CGD, e deixa elogios a Nuno Amado, seu sucessor na liderança do BCP.

A sua entrada no BCP não foi pacífica. Houve na altura uma polémica por passar directamente da CGD para o maior banco privado, o que configuraria um conflito de interesses. Esse conflito existia?

Se achasse que tinha existido, não teria ido.

Passa de um banco estatal para o maior grupo privado português. Da mesma maneira que há pessoas que passaram de grupos privados para grupos estatais.

A questão era a informação privilegiada que detinha e a influência sobre dirigentes da Caixa. Alguns tinham sido escolhas suas.

Muito poucos. Se assim fosse, então as nomeações de agora para a Caixa de pessoas vindas do banco central, onde têm efectivamente um conhecimento, não apenas de um outro banco, mas do todo...

Acha normal passarem de um banco central para um banco comercial, de um regulador para uma empresa privada? É uma boa prática?

No dia que a gente não quiser ter essa prática, temos de ir buscar as pessoas a sítios... Dou-lhe várias sugestões: a uma universidade, a um infantiário... Neste momento, o BCP escolheu para seu presidente, e muito bem, sublinho, o presidente de um banco concorrente que é o Santander Totta [Nuno Amado].

Por que é que saiu do BCP ao fim de um ano de mandato? Porque tinha sido esgotado um ciclo ou porque foi empurrado para a porta de saída?

(risos) O que se passa é o seguinte: as questões do capital, de liquidez, dos accionistas, do fundo de pensões, tudo isso podem ter sido vitórias, mas essas vitórias deixam marcas. E deixam marcas até físicas. Aquilo que hoje acho é que tinha chegado, antes de ter saído, aliás, ao meu limite físico.

Mas há quem diga que havia uma guerra de poder no banco e que o senhor foi vítima dessa guerra.

Entre quem e quem?

Com a mão dos angolanos.

Falei desta saída com todos os accionistas e, inclusive, com os accionistas angolanos.

Na altura, antes de sair, falava que, mais dia, menos dia, iria entrar em vigor um novo modelo de governação.

Relativamente ao modelo de governação, aquele que o BCP hoje tem, concordo com ele e, se alguma coisa não correu bem, é a alteração do modelo de governação que deveria ter acontecido no fim do mandato e não no primeiro ano do novo mandato.

O senhor não se enquadrava neste novo modelo?

Enquadrava, sem problemas.

Entrou num momento em que o BCP ultrapassava ou tentava ultrapassar uma guerra, essa sim pública, de poder dentro do ban-

co. Como herdou o BCP?

O BCP é hoje, já era na altura, um grande banco. É bom não esquecer isso. Era efectivamente um banco com uma área comercial, um dinamismo fabuloso, e se tinha coisas mais complicadas ou menos boas, tinha outras excelentes. É um bom banco.

Quais eram as mais complicadas e menos boas?

O BCP tinha sempre a tónica mais colocada no ‘back office’ do que no ‘front office’, e isso permitiu-me muito da sua vida e dinâmica. Num momento de crescimento, isso é excelente. Num momento de estabilidade ou contracção, é complicado.

Qual é a sua relação com Jardim Gonçalves?

Conheci-o há muitos anos, ainda durante os anos 90, e continuamos a falar-nos cada vez que nos encontramos.

Ele não tem sido publicamente muito simpático sobre a sua nomeação?

Acha?

Sim. Veio dizer, deixando implícito, e às vezes até explícito, que houve uma tomada do poder do Governo de José Sócrates através da sua pessoa e da sua nomeação.

Dê um desconto... A lista em que me candidatei ao conselho do BCP foi subscreita pelo eng^o Jardim Gonçalves.

Então por que é que ele mudou de opinião?

Não sei se terá mudado. Isso é mais a espuma dos dias.

Ele ficou mal na história do BCP? Ele é um momento da história do BCP.

A forma como ele saiu prejudica o seu papel enquanto um dos fundadores?

Nós temos, podemos ter, todas as opiniões no curto prazo. Daqui a 20 ou 30 anos só fica o essencial. E ele efectivamente teve um papel relevantíssimo na criação do BCP.



Tinha chegado, antes de ter saído [do BCP], ao meu limite físico.

Falei desta saída com todos os accionistas, inclusive, com os angolanos.

Temos de fazer com que haja no BCP uma transferência de poder normal. Seria mesmo a primeira.

A escolha de Armando Vara para administrador da CGD foi muito contestada na altura. Dizia-se que não tinha capacidade para o lugar. Tinha?

Penso que o dr. Armando Vara fez um bom trabalho como administrador da Caixa.

Foi uma escolha pessoal da sua parte ou uma imposição ou pedido de José Sócrates?

Não há escolhas, nem imposições, nem pedidos. Posso dizer-lhe que, quando fui escolhido para presidente da Caixa, perguntei ao ministro quem é que ele quereria como representante do accionista. E não foi apenas o dr. Armando Vara que foi sugerido.

Quem foi?

Os outros. Não disse que não a ninguém.

Mas tanta gente com larga experiência na banca e entra uma pessoa menos experiente. Isso provoca perplexidades.

Era bom, efectivamente, ver o que é que ele fez. Tenho uma opinião sobre a passagem dele pela CGD, tão boa que efectivamente o convidei para vir para o BCP e, aí, não podem dizer que foi imposição de alguém. Tenho muito medo que isso seja um complexo de pessoas louras de olho azul. Penso que isso é um pouco complexo de classe.

Escreveu alguma carta aos angolanos, como fez o ex-ministro Vítor Gaspar, quando saiu...

Aos angolanos dei um abraço, como aos outros accionistas. Eu sou pouco epistolar.

O banco entrou num novo ciclo com uma nova gestão ou foi uma continuidade da sua gestão?

O banco, e faço essa homenagem a toda a sua equipa, entrou num novo ciclo. Aliás, lembro-me que, nessa altura, falei já não sei com quem e disse que estávamos efectivamente perante a necessidade de uma longa marcha e que eu não estava, pelo menos fisicamente, capaz de a fazer. E acho que o banco entrou numa nova fase, esta equipa tem muita coisa já feita e muita a fazer.

Na função que tem hoje no BCP, como presidente do Conselho Estratégico Internacional, qual é o seu papel?

A minha função é estar disponível para dar uma opinião pessoal ou institucional quando me pedem. E não me custa nada. Acho que aquilo que é importante neste momento, enfim... A minha consideração pelo Nuno Amado vem antes de ele ter entrado para o Totta, veja lá há quantos anos. E mantêm-se.

Ele tem feito um bom trabalho?

Tem feito um bom trabalho, claramente. E acho que aquilo que temos de fazer é com que haja no BCP uma transferência de poder normal. Seria mesmo a primeira. E isso é importantíssimo para o banco. ■



“Se soubesse o que sei hoje,

O argumento do risco sistémico justificava a nacionalização do BPN. Hoje defende outra opção.

Há uns anos, Marcelo Rebelo de Sousa disse que os portugueses não gostam de banqueiros e o senhor respondeu “banqueiro é um cognome”. Lembra-se?

Não me lembro mas, se disse isso, ele mereceu.

Gostamos de rotular pessoas?

Não, encaramo-las pelo modo fácil. Falar hoje de banqueiros é atractivo e conjugar em cima deles os males do universo também. Mas um administrador eleito para a frente de um banco, tenho dúvidas de que deva merecer o título de banqueiro. É um administrador, gestor, empregado por conta de outrem.

Mas concorda com Marcelo? As pessoas em geral não têm uma boa imagem dos banqueiros?

Se estivéssemos a falar há oito anos, não sei se a imagem era boa ou má, mas pelo menos a inveja existia. Penso que as pessoas são atraídas pela facilidade.

Portugal está no 10º lugar (entre 27) dos banqueiros mais bem pagos. Faz sentido?

Provavelmente, não.

Não há uma valorização excessiva destes lugares, comparativamente com a Europa?

Provavelmente, sim. Mas está a falar de números de 2012. Vai ver números completamente diferentes em 2013.

As políticas salariais mudaram assim tanto?

Mudaram muito. No caso dos bancos que tiveram de recorrer a ajudas de capital do Estado, as remunerações foram reduzidas para 50%, nos outros casos vai passar-se o mesmo.

Além do fecho de balcões e despedimento de pessoas, a banca teve elevadas perdas. É um sector em risco em Portugal?

Não. Parece-me é que é difícil ter o país na situação em que está e a banca numa boa situação. Se assim fosse, então é que não faltariam queixas e clamores. A banca reflecte a situação de famílias e empresas através da necessidade de provisões para crédito malparado.

E por más avaliações nas políticas de crédito do passado?

Também por isso, claro, por erros cometidos. Mas temos por hábito avaliar os factos na base do que sabemos hoje e não na base do que se sabia ou eram padrões aceitáveis na altura.

A principal razão apontada para a nacionalização do BPN foi a existência de um risco sistémico. A esta distância, concorda?



Especial
**ENTREVISTA
DE VERÃO**
Agosto



Na saída do BCP, Santos Ferreira conta que não deixou uma carta aos accionistas, mas sim um abraço - inclusive aos angolanos, conta. Sobre Jardim Gonçalves, "foi um momento da história" do banco.

seria contra a nacionalização do BPN

Nessa altura, achei que o BPN devia ser nacionalizado! Exatamente na base do argumento do risco sistémico. Se tivesse de decidir com o que sei hoje, seria radicalmente contra a nacionalização do BPN.

Porquê?

Admito que o BPN... não era, digamos, um risco sistémico. Mas, naquela altura, o que pensava era haver um banco que falhasse, haver uma corrida a um banco e, a partir daí, ninguém sabe - e isto é uma figura de estilo, não tem nada de comparação entre pessoas e animais - é como os touros da manada. A partir do momento que há um, é a manada inteira a correr nessa direcção. Esse era o grande risco de Portugal na altura. Hoje, com o que sei, acho que não o faria.

Ou com outras condições?

Ou então, se estivéssemos a falar de nacionalização, também falávamos da SLN, que não percebo por que é que ficou de fora, mas isso, enfim, são mistérios.

O pedido de ajuda externa teve, ao que se sabe, muita influência dos banqueiros. Houve um conjunto de entrevistas que os banqueiros deram. Combinaram essas entrevistas?

Houve uma colega sua que nos

convidou para dar entrevistas sucessivas e nós aceitámos. Tivámos à sorte, se não foi assim terá sido parecido, qual foi a ordem pela qual falamos.

A banca nessa altura já tinha ido longe de mais?

Naquela altura, o problema que se punha não era se o Estado tinha meios para pagar pensões e reformas. Aquilo que se punha, e recordando a história, a seguir à rejeição do PEC IV - e fique aqui registado que muita gente na banca, toda a gente na banca, se bateu pela aprovação do PEC IV, nomeadamente quando alguns de nós, falando 'one-to-one' com membros do Conse-

“

Na altura achei que o BPN devia ser nacionalizado (...) na base do argumento do risco sistémico. Se tivesse de decidir com o que sei hoje, seria radicalmente contra.

lho de Estado, procurando explicar-lhes, dizer-lhes que pensávamos - aquilo que aconteceu foi que o 'rating' da República caiu verticalmente. Ao cair o 'rating' da República, caía simultaneamente o valor dos activos que tínhamos dado ao Banco Central Europeu para garantia da liquidez recebida. E a situação em que a banca estava era que, se nada acontecesse, esses activos deixavam de ter valor ou por esses activos receberíamos muito menos liquidez do que aquela que já tínhamos. O que significava que estávamos num momento de risco de não ter liquidez, de não ter liquidez suficiente.

Ou seja, a pressão dos mercados acabou por determinar o pedido de ajuda?

Não sei se aquilo se chama mercado. Para mim chamam-se agências de 'rating'. Porque acho que mercados é uma forma simpática...

Os banqueiros organizaram-se para fazer declarações públicas e assim pressionar o Governo?

Não, valha-me Deus. Aquelas seis semanas custaram cinco ou seis noites a Portugal, que vão demorar uma dezena e tal de anos a recuperar, mas ninguém tem noção disto. ■

"Se António Costa fosse candidato a Belém, votaria nele"

Está a ver Marcelo Rebelo de Sousa em Belém?

Vi na televisão um comentário do prof. Rebelo de Sousa a uma colega sua da concorrência sobre essa matéria... Se eu bem vi o que ali foi dito, o prof. Marcelo Rebelo de Sousa vai ter de decidir, na sua cabeça, se quer ser ou não. Não pode querer ser à segunda, quarta e sexta e não querer ser à terça, quinta e sábado. Primeiro, vai ter de saber se quer, segundo, há de ter de convencer os eleitores da direita se é ele o melhor candidato, ou se será outro qualquer, o dr. Durão Barroso, caso tenha perdido aquilo que são as suas verdadeiras ambições que é efectivamente ser secretário-geral da ONU ou qualquer outra coisa semelhante... terminado este ponto, terá de fazer um terceiro percurso desta via não-sacra que é ganhar as eleições.

Contaria com o seu voto numa circunstância dessas?

Depende claramente de quem for o candidato da esquerda.

Que pode ser António Guterres, um grande amigo seu...

Não posso falar por ele, mas não penso que o eng.º António Guterres esteja com esse assunto na cabeça. Mas ele falará melhor do que eu.

Mas, então, António Guterres provavelmente não será, José

Sócrates já disse que não quer ser de todo. Quem é que pode ser um bom candidato à esquerda?

Não faço a menor ideia. Deixe-me responder directamente à sua pergunta se o prof. Marcelo Rebelo de Sousa contaria com o meu voto. Depende de quem for o candidato da esquerda. Se fosse o dr. António Costa, eu votaria no dr. António Costa.

Coloca a hipótese de António Costa ser candidato.

Não... estou a dar-lhe ideias. Se fosse o dr. Carvalho da Silva, votaria no prof. Marcelo Rebelo de Sousa. Depende muito das duas coisas.

Mas, há quem diga que António Costa não quer ser líder do PS, nem primeiro-ministro, quer mesmo é ser Presidente da República.

Não faço ideia, não tenho falado com ele.

O senhor é que falou de António Costa.

E do Carvalho da Silva. Estou a dar-lhe exemplos, são aqueles que aparecem na comunicação social. Sabe que as pessoas lêem muito a comunicação social e se quem muito a comunicação social (risos), vossas excelências são as grandes responsáveis por tudo o que a gente sabe. Eu cito os nomes que vêm nos jornais e na televisão.

"Descida da taxa de IRC não é o mais importante"

A proposta de reforma do IRC está em consulta pública. É preciso reduzir a taxa sobre os lucros das empresas?

As pessoas hoje discutem a taxa de IRC, que com certeza é importante, mas há coisas muito mais importantes para tornar o País mais atractivo. Dá é mais trabalho perceber e explicar.

Uma verdadeira reforma da política fiscal?

Há naquilo que li uma política de verdadeira atractividade do investimento.

Mas não há garantia de manutenção da estabilidade fiscal.

É indispensável que haja. Não vejo porque é que CDS, PSD e PS não podem concordar nos grandes princípios da política fiscal. É indispensável que concordem.

E a taxa do IRC é o ponto crítico?

É, mas também, por exemplo, é a não tributação das empresas participadas. A taxa é aquilo que fica nos olhos das pessoas, agora é indispensável um grande consenso. Pergunta: e não deve haver também um consenso à esquerda? Com certeza, desde que esteja disponível para subscrever.

Sim, mas nós competimos

com países que têm IRC de 19%, até menos, a Irlanda tem 12,5%. Podemos vir a ter 17%, mas só em 2018. **Faltam cinco anos. Temos este tempo?**

Não. Mas repito, há coisas tão ou mais importantes no IRC do que a mera descida da taxa. Se houver um consenso, e há uma coisa que se pode acrescentar a aquele diploma da comissão presidida pelo dr. Lobo Xavier, a não tributação dos lucros reinvestidos, que é uma sugestão do PS, não há nenhuma razão para não a acrescentar...

Tem ainda de haver garantia formal que num espaço alargado, no mínimo de cinco anos, por exemplo, ninguém mexe na política fiscal para garantir estabilidade?

Cinco anos é curto para uma política fiscal. A garantia formal é dada por declarações dos vários partidos políticos que estão envolvidos neste tema, não vejo que seja necessário andarmos a assinar papéis. É um bocado triste a vida em que a palavra vale menos do que o papel. Se há um 'statement' do partido, pela voz do seu líder, que diz isto, mesmo que esse líder, de hoje para amanhã, seja outro, há o compromisso da instituição.



E

ANTÓNIO ESTEVES ENTREVISTA CARLOS SANTOS FERREIRA

“Quando não se usa o poder, não se sente a sua perda”

Escolhas Garante que hoje tem mais tempo na sua 'nova vida'. Diz que não se sente poderoso e que, mesmo agora, continuam a atender-lhe o telefone. É filiado no PS, mas não exerce uma militância activa.

Nestes últimos dois anos, já se habituou à sua nova vida?

Nestes últimos dois anos, tive normalmente a mesma ocupação de tempo e menos pressão. Passei a dormir melhor, a ter tempo para fazer coisas que sempre me apeteceu fazer e que não tinha conseguido.

Como por exemplo...

Cultivar as minhas orquídeas, enfim, as Phalaenopsis e as Dendrobium agradecem imenso a menor pressão, há muito mais tempo para elas, e estou a tentar acabar de escrever uma coisa que deixei em suspenso em 2005. Quando fui para a Caixa estava a fazer um mestrado em estratégia militar, na Academia Militar, nessa altura escrevi umas pequenas páginas que saíram num livro colectivo sobre o Diogo de Couto e tinha uma coisa que queria publicar e que na altura se chamava “Os marechais alemães”. Bom, hei-de acabá-lo, se Deus quiser, até ao fim do ano, não se pode é chamar “Os marechais alemães”, porque hoje parece mal.

Vai para um escritório de advogados, a Sociedade Rebelo de Sousa (SRS), para consultor na área do Direito Financeiro.

Ainda não comecei a trabalhar no escritório. Espero poder ajudar em várias áreas. Admito que no gabinete financeiro, nas áreas financeira, do imobiliário, na área seguradora, societária, comercial, arbitragens. Eu, cá, colaborarei onde me pedirem.

Diz que tem menos pressão e mais tempo para fazer as coisas, mas tem também menos influência agora.

Oh, isso nunca me preocupou. Ter menos pressão permite-me só trabalhar nos desafios que me fazem para pessoas de quem sou amigo ou que respeito. E isto é um enorme luxo. Perdeu amigos neste percurso de afastamento de funções?

Tenho aquela teoria, talvez errada, que nunca usei o poder. Quando não se usa o poder, não se sente a sua perda. E acho que ganhei amigos nesta fase de menos exposição.

Foi presidente da Caixa, do BCP, amigo de António Chamalim, é amigo de António Guterres, de Stanley Ho, da China, tem ligações a Angola... Isto não é ser poderoso?

Não me sinto nada poderoso.

Não quero parecer hipócrita, mas isso nunca me importou.

É uma palavra com um sentido pejorativo em Portugal?

Acho que tem. Ser poderoso é só uma coisa: é a capacidade de nos atenderem o telefone quando ligamos.

Continuam a atender-lhe o telefone como quando era presidente do BCP ou da Caixa?

Não me lembro de nunca ninguém não me ter atendido o telefone, mas também hoje sou obrigado a fazer muito menos telefonemas do que fazia antes. Mas essa é a parte boa.

Dizem que é da Maçonaria.

Oh... Essa pergunta tem sempre de ter uma resposta negativa e deixe-me explicar-lhe porquê. Em primeiro lugar, se eu não for, a resposta é negativa por definição. Em segundo lugar, se eu for e de acordo com o que leio nos meios de comunicação, não é possível alguém desvendar a sua condição a um profano, também vêm nos meios de comunicação estas expressões.

É católico, fez parte do Grupo da Luz durante o Estado Novo. Mantém essas convicções?

Sou católico.

Praticante?

Não. Mas devo ter um pecado que expiarei: o do orgulho. Porque acho que sou capaz de falar com Deus e entender-me directamente com ele sem intermediários e sem rituais.

Foi nessa prática que conheceu pessoas como António Guterres e Marcelo Rebelo de Sousa?

Estivemos juntos no Grupo da Luz, mas julgo que os conheci a todos muito antes disso. Fui colega do António Guterres no Liceu Camões, fui colega de universidade do Marcelo Rebelo de Sousa.

Ainda hoje dizem que era um dos principais conselheiros de Guterres...

Se bem me recordo, fui três vezes a São Bento, durante os cinco ou seis anos em que ele foi primeiro-ministro.

Dizem, também, que é um homem de consensos, um diplomata que não diz uma palavra fora do sítio. Reve-se neste quadro de características?

(risos) Publicamente, admito que seja essa a imagem.

Tem vários amigos influentes na política, é conotado com o PS...

Não sou apenas conotado com



Sobre a Maçonaria, Santos Ferreira defende que “tem princípios que não há ninguém que não possa aceitar”.

GOSTOS & SEGREDOS

● Site: “Se quiser avaliar vinhos, há ‘sites’ que lhe permitem, fotografando a garrafa, atribuir de imediato o ‘rating’ e o tipo de vinho.”

● Livro: “Acabei de ler ‘O 5 de Outubro por Quem o Viveu’, um livro coordenado pelo professor António Ventura.”

● Música: “Gosto de ópera. Se tivesse de citar uma, seria La Traviata, em São Carlos, em 1958, onde cantou a Callas e o Alfred Kraus. E gosto de fado: Marisa, Camané e Ana Moura.”

● Objecto: “Uso canetas e relógios”.

● Local: “Depende da companhia e do estado de espírito. Aquilo que me entusiasma é o que vou fazer; e agora vou fazer um raide todo-o-terreno, organizado pela província do Kwanza-Sul (Angola).”

“

Ser poderoso é só uma coisa: é a capacidade de nos atenderem o telefone quando nós ligamos.

Devo ter um pecado que expiarei: o do orgulho. Porque acho que sou capaz de falar com Deus e entender-me directamente com ele.

o PS, mas sou filiado no PS, e sou filiado desde 1974.

Mas não exerce uma militância activa, ou é impressão minha?

Não exerço. Exerci até um período, mas depois deixei. Mas tenho um número de militante tão ridiculamente baixo que uma vez fui participar numa eleição interna e não constava da lista. E o meu camarada que estava na mesa dizia-me: ‘não está aqui no caderno eleitoral’. E eu lá dizia ‘ouça, tenho de estar, o camarada ainda não tinha nascido quando eu fundei esta secção. Tenho que estar’. Ele lá foi procurar um papel ao lado que tinha três ou quatro números e para grande embaraço meu disse em voz alta para quem estava atrás: ‘Olha, um dos velinhos’.

Nunca assumiu funções go-

vernativas em nome do PS.

Fui deputado pelo PS. Funções governativas nunca assumi.

É uma possibilidade de futuro?

Acho que não. Sabe que, nessas matérias, tenho sempre a teoria que só existiram os convites que foram aceites. Todos os outros convites nunca existiram.

E de José Sócrates, é amigo?

Gosto dele.

Falam com regularidade?

Não é obrigatório falar com regularidade. Julgo que a última vez que falei com ele terá sido há três ou quatro meses.

Em Lisboa ou em Paris?

Para lhe perguntar que razão é que lhe teria passado na cabeça para querer ser...

...comentador da RTP.

Ao que parece, não gosta que lhe chamem comentador. ■

ANTÓNIO ESTEVES ENTREVISTA CARLOS SANTOS FERREIRA

“Não vejo razão para trocar a Caixa por um prato de lentilhas”

O ex-banqueiro contesta a privatização da CGD e defende que o BCP entrou num novo ciclo após a sua saída. Diz ainda que só cortar salários e pensões e aumentar impostos “não é reforma do Estado nenhuma”. Católico e socialista, admite que votaria em António Costa numa corrida a Belém. ➔ P4 A 10

“Dizer que é preciso cortar 4,7 mil milhões é de uma falta de jeito histórica”



Especial
VERÃO
Agosto